

AMADEU BAPTISTA



(Porto, 1953) é um dos mais premiados poetas portugueses. Estreou-se em 1982 com o livro **As Passagens Secretas**. Desde então, reuniu por duas ocasiões parte da sua obra poética nos volumes **Antecedentes Criminais (Antologia Pessoal 1982-2007)** e **Caudal de Relâmpagos (Antologia Pessoal 1982-2017)**. Além de poesia, publicou livros de literatura para a infância e a ficção **Estrela de Bizâncio** (2010). Representou Portugal em vários encontros internacionais de escritores. Dentre os vários prémios que lhe foram atribuídos, destacam-se o Prémio Teixeira de Pascoaes, em 2004, pela obra **Paixão** (2003), o Prémio Nacional Sebastião da Gama, por **O Bosque Cintilante** (2007), o Prémio Internacional de Poesia Palavra Ibérica, por **Sobre as Imagens** (2008), e o Prémio Nacional de Poesia Natércia Freire, em 2007, atribuído ao livro **Poemas de Caravaggio** (2008).

MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E TRÊS

Logo no primeiro ano
estou só
e não me consigo manter de pé.

Se suspeitasse sequer
que iria ser assim para toda a vida
não me riria

com estas gargalhadas
cristalinas.

In **Açougue**, & etc, Junho de 2012, p. 9.

DIGA 33
POESIA NO TEATRO
às terças **terças-feiras** de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

9

**GIUSEPPE VERDI:
CORO DOS ESCRAVOS HEBREUS, DE NABUCCO**

Mais amplamente, nós, os escravos, representamos
os que estão encarcerados
mas podem usufruir de um livro para cantar.
A luz sobre o proscénio não só nos ilumina
como suavemente alastra para a estrela que se ergue
sobre as nossas cabeças, a nossa ansiedade.
Onde quer que se encontre a nossa alma,
onde estiver a forja em que o nosso encantamento
[se projecta,
onde alguma vez se reunirem as sombras
dos inóspitos símbolos de que formos,
ainda que invisível,
ainda que inaudível,
há-de estar esse grito,
nítido e legível.

In *O Bosque Cintilante*, Cosmorama, 2008, p. 65..

**POEMA ENCONTRADO NO BOLSO DE UM
CASACO AMARROTADO DE SYLVIA PLATH**

Cotão, algodão por toda a casa.

Debaixo da cama a coisa ainda é mais grave,
tal como atrás do armário
onde guardo os meus dois únicos casacos.

Nenhuma brisa chega a este lugar
onde há verdades permissivas
e pegadas recentes,

pegadas de quem foge de um lobo obscuro,
um lobo que aqui dorme.

Cotão também nos bolsos,
algodão em lugares a que o aspirador não chega,
mesmo que arraste os móveis.

Cotão em toda a parte,
como neve eterna.

In *Um Pouco Acima da Miséria*, &etc, Agosto de 2014, p. 71.

Próxima sessão:

**19
NOV**

**INÊS FONSECA SANTOS
JOÃO PAULO COTRIM**

